

DEDICATÓRIA

Por Anderson Borges Costa

Para a Cristina, que este livro lhe faça voltar à nossa adolescência, quando ainda achávamos que Papai Noel existia, que Feliz Natal existia, que Deus existia, que eu existia. Abraços incrédulos, Marcos Roberto.

Para o meu amigo Ramildo, espero que você curta a leitura destas páginas, que nasceram brancas como o seu sorriso, que teima em não escurecer, apesar dos litros de café e de vinho com que você os rega toda noite. Abraço, Marcos Roberto.

Felipe, que este seja o início de uma trajetória de leituras edificantes. Abraço, Marcos Roberto.

Evelyn, desde que te conheci no sexto ano, sabia que escreveria um livro inspirado em você. Olha só o que você me fez produzir! Beijo, Marcos Roberto.

A fila de autógrafos começou a se formar às 15h17. O horário do lançamento foi anunciado em negrito no banner postado nas redes sociais, nos jornais e na revista da livraria que sediava o evento: 16h00. No entanto, dezenas de pessoas já se empurravam na frente da mesa em que me sentei pontualmente às 4 da tarde.

Eu gosto muito de escrever livros. Gosto de observar o branco da página ser preenchido com uma ideia, um personagem, um diálogo, um conflito. Escrevo, logo crio. Crio, logo produzo perturbações. Perturbo, logo publico. Publico, logo lanço um livro. Lanço, logo autografo. *João, que cada parágrafo deste livro te perturbe com ideias reacionárias. Saudações, Marcos Roberto.*

Escrevo sobre tudo. A minha literatura não tem limites. Limito-me a não impor fronteiras. Gosto de invadido proibido, de proibir o lícito, de legitimar o impensável. *Joaquim, que este livro o estimule a fazer mais sexo. Beijos, Marcos Roberto.* Gosto de escrever de manhã, bem cedo, antes do sol nascer, depois do sexo matinal, antes do galo cantar, antes dos pássaros piarem o bom-dia, antes das nuvens se carregarem de chuva, antes do parágrafo abrir a próxima frase. *Raquel, que este livro seja um bom-dia diariamente lido por você antes de dormir. Abraço, Marcos Roberto.*

Começo a escrever em jejum. Abro o computador e tecló as primeiras palavras entre bocejos de pasta de dente. Maria, minha namorada, às vezes dorme em casa e já se acostumou a continuar na cama quando eu me levanto para digitar na alvorada de um conto novo. *Para o casal Juan e Antônio, que o livro os ajude a semear uma doce família de trepadeiras na parede de sua colmeia. Abraço, Marcos Roberto.* Na metade da segunda página digitada (isso pode levar trinta minutos ou duas horas, depende da minha concentração no texto), eu tomo um copo de café e, na sequência,

ODISSEIA
Livraria

N.º 1, vol. 2, 2021

uma xícara de chá de hortelã.

Marcos, parabéns por mais um livro. Que sucesso, hein? Dedique este para mim e para o meu cachorrinho, Lulu. A fila para receber meus autógrafos é um organismo vivo. De onde eu a observo, sentado à mesa na livraria, eu vejo a fila crescer quanto mais eu autografo livros. Chego a imaginar se a fila pararia de crescer caso eu parasse de autografar. Talvez, justamente por continuar a autografar o livro que agora lanço, eu acabe alimentando a fila. Ela é um organismo que tem fome de autógrafos. Os leitores do meu livro são a ração da fila, que se reproduz em progressão geométrica. Minha mão dói, a tinta da caneta vai esvaziando no tubo de carga, os leitores vão recebendo dedicatórias, e o alinhamento de gente com meu livro na mão na minha frente fica maior após cada autógrafo que assino. *Para a família Silva Castro, que este livro seja um momento de reflexão sobre o significado do amor. Abraço, Marcos Roberto.*

As ideias para meus livros surgem do nada, surgem do tudo, surgem de às vezes. A falta de ideias é a regra para eu escrever. Escrevo, logo não preciso de ideias. Eu não penso para escrever, pois a escrita é um ato fisiológico para o escritor. Eu não penso para fazer xixi. *Para a Susan e sua filha, Martha, que este livro as inspire a continuarem piradas. Beijos muito loucos, Marcos Roberto.* O escritor acorda, escova os dentes, toma café, come pão e frutas, vai à praça caminhar com seu cachorro, almoça, tira um cochilo à tarde, vai ao banco pagar as contas de luz e de gás, toma um chá da tarde, lê o jornal do dia, assiste a um filme, janta, passeia com o cachorro na praça, lava a louça, escova os dentes, dorme. E, sem ideias, o escritor escreve.

Fernanda, você não faz ideia de quão presente você se fez neste livro. Abraço fraterno, Marcos Roberto. A fila a minha frente é heterogênea e democrática. Há crianças, jovens, adolescentes, adultos e velhos. Homens, mulheres, trans. Indígenas, brancos, asiáticos, negros. No momento mesmo do autógrafo, eu mal olho no rosto do leitor. Me angustio com o tamanho da fila e rabisco uma dedicatória sem pensar, sem escolher direito as palavras, rascunho uma dedicatória universal, que sirva para todas as raças, todas as diferenças que se unificam sob o rótulo de “fila”. *Que o livro lhe sirva como uma luva, que se encaixe nos dedos obturados de sua boca voraz. Abraços e beijos, Marcos Roberto.*

Escrevo em silêncio, no silêncio matutino do ocaso da escuridão que começa a iluminar a janela pelo lusco-fusco de raios coados pelo cheiro de café. Escrevo em silêncio, no silêncio do escritório, que divide a parede com o quarto onde Maria sonha as ideias que eu não tenho. A minha escrita tem gosto de manhã, tem cheiro do café escuro que faz a madrugada desaparecer. *Ao Doutor Gil Leite Valinhos, que sua leitura seja uma receita escrita em doses homeopáticas, comprimidas em parágrafos pacientes.*

ODISSEIA
Livraria

N.º 1, vol. 2, 2021

Abraços, Marcos Roberto. A fila me deixa impaciente. Entre uma palavra e outra autografadas, ergo os olhos e procuro, inutilmente, encontrar o fim da fileira humana. Um bebê chora, uma mãe dá bronca no pequeno filho que corre em volta da minha mesa, um senhor de bengala tropeça e quase cai. *Carlos e Tereza, que a espera na fila de autógrafos lhes recompense com este enredo pensado para vocês. Abraços, Marcos Roberto.*

Li em algum lugar que todo escritor é um fingidor. Sozinho, na manhã de meu escritório, eu finjo que escrevo. E, de frente para meus leitores, eu finjo que assino palavras dedicadas a eles. Autografar livros em tarde de lançamento é quase uma dor. *Joana, que este livro possa apaziguar suas dúvidas hamletianas. Abraços, Marcos Roberto.* Quando autografo, eu desenho as letras, mas não as escrevo. Eu não escuto os nomes dos leitores, eu não enxergo a pessoa que se esconde por trás de um nome. *Zeca, que o livro que você está recebendo reine soberano no cerne de sua insônia. Abraço, Marcos Roberto.* Escrevo o meu nome sem saber quem sou.

Na sexta-feira não desejei com um beijo o boa-noite para Maria. Nem sem beijo. Na sexta-feira simplesmente não houve um boa-noite. Nós brigamos à tarde e não nos falamos mais até a hora de dormir. Ela deveria ter ido para a casa dela. Depois de brigar, eu prefiro ficar sozinho, ler sozinho, comer sozinho, dormir sozinho. Após a briga conjugal, deve sempre vir o silêncio. Não há verbo após um desentendimento. *Patricia, que esta leitura lhe traga paz de espírito. Abraços serenos, Marcos Roberto.* Eu me irrita com a impaciência da Maria. Estamos juntos há dois meses, e nem sei se poderíamos dizer que somos namorados.

Nos conhecemos na noite de lançamento do livro de estreia de um colega meu, poeta. Ele estava muito nervoso, pois temia que não aparecesse ninguém para receber seus autógrafos. *Joel, que o calor de sua presença neste lançamento se espalhe por todas as páginas deste enredo. Abraço, Marcos Roberto.* O evento do lançamento de seu livro de poesia estava marcado para um bar na Vila Madalena entre 19h30 e 22h00. Os poemas eram todos sonetos, todos com rimas a-b-a-b-c-d-c-d, todos os versos eram decassílabos. Ele levou quatro anos criando os sonetos e colocando-os neste formato artesanal de rima e métrica matemáticas. *Alda e Dolor, que seu feliz casamento dure mais anos do que o número de palavras paroxítonas escritas no capítulo sete deste livro. Abraços, Marcos Roberto.* Cheguei às 20h15 e vi a cara de pânico de meu colega poeta. Seu espanto não caberia em um verso livre: não havia ninguém na fila. Ele não havia autografado nenhum livro. Ele estreava para o vácuo. *Querido poeta, que este livro o inspire a criar mais versos à meia-noite, à meia-luz. Abraços, Marcos Roberto.* Ele me autografou o livro de sonetos com um sorriso que era, ao mesmo tempo, de gratidão e de vergonha.

No bar, sentada sozinha em uma mesa, Maria observava, curiosa, a cena

ODISSEIA
Literária

Nº 1, vol. 2, 2021

do poeta me autografando seu primeiro exemplar. Ela dava suaves goles no copo de cerveja enquanto beliscava algumas batatas fritas com ketchup. O poeta, em pé ao meu lado, ouviu com surpresa o pedido que Maria fez a ele: *Quero que você autografe um exemplar para o meu irmão, um para os meus pais, um para a minha tia e o quarto para este belo rapaz aqui, a quem ainda não fui apresentado.*

Foi assim que conheci a Maria. Faz dois meses que o poeta lançou seu livro, e até agora só vendeu mesmo estes cinco exemplares. Eu namoro a Maria há cinco exemplares de um livro de sonetos. Não sei se sonetos são suficientemente fortes e fiéis para manter um relacionamento por dois meses. Dois meses de um relacionamento no qual a Maria dorme vez ou outra lá em casa podem ser chamados de namoro? *Joice, que a prosa deste narrador não confiável lhe traga o amor da sua vida. Beijos, Marco Roberto.* Eu nunca a convido para dormir comigo; ela chega e vai ficando. Vamos para a cama, nos amamos e dormimos. Eu acordo, vou para o escritório e escrevo. Ela dorme até tarde, dorme quase até a página 15 todas as manhãs. Meu pai faleceu na virada do milênio. Me prestigiou em poucos lançamentos, mas sempre se faz presente na minha criação. Da minha mesa, eu vejo miragens na fila de autógrafos. Vejo seres inexistentes entrando e saindo da fila. Vejo um Saci Pererê furando a fila. Vejo uma Mula-Sem-Cabeça incendiando os pés dos leitores. Vejo um ET cuspidando no livro. E vejo o meu pai, esperando pacientemente a sua vez de receber seu autógrafo. Parado por um minuto, as pessoas na fila não entendem o motivo do silencioso minuto em que, imóvel, eu imagino letras: *Papai querido, que a desbotada impressão dos capítulos desta história cheguem legíveis ao endereço em que você agora habita. Beijos afetuosos de seu filho que nunca o esquece, Marcos Roberto.* Um livro é um filho para seu autor. Brigado com a Maria, eu me levanto da cama e me sento na mesa do escritório. Ela dorme como se não tivesse havido nenhuma rusga entre nós na noite anterior. A manhã do dia seguinte a uma briga entre namorados nasce antes do sol. *Thiago e Juliana, que vocês atravessem esta história de mãos dadas, página sim; outra, também. Abraço, Marcos Roberto.* Meu pai e minha mãe raramente brigavam. Ou, talvez, soubessem brigar em silêncio; talvez soubessem esconder suas brigas embaixo de travesseiros molhados. Eu escondo minhas lágrimas embaixo de um enredo de conto de fadas. E rio um pranto invisível dentro de um parágrafo apaixonado. *Saulo, que esta história jorre uma veia de sangue em seu coração apaixonado. Abraço, Marcos Roberto.*

Um aperto de mão. Uma foto. Um abraço e um beijo. Os leitores chegam e cumprem um ritual que apresenta a mesma sequência de movimentos. Os autógrafos se sucedem e fazem a fila dançar um balé que balança uma súplica: *Marcos Roberto, autografe aí a felicidade.* Triste e sem inspiração,

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

eu, ao escrever na manhã diária, me vejo solitário e nu. Escrever é me despir para mim mesmo. Na sexta-feira, vesti a cama com meu pijama e me levantei desnudo para o primeiro parágrafo do dia. Deixei minha fantasia repousando ao lado da Maria e escrevi, com a ponta dos dedos no oco teclado, um livro, que ocultaria o meu recheio em uma enorme fila de autógrafos no lançamento de mais uma história de ficção.